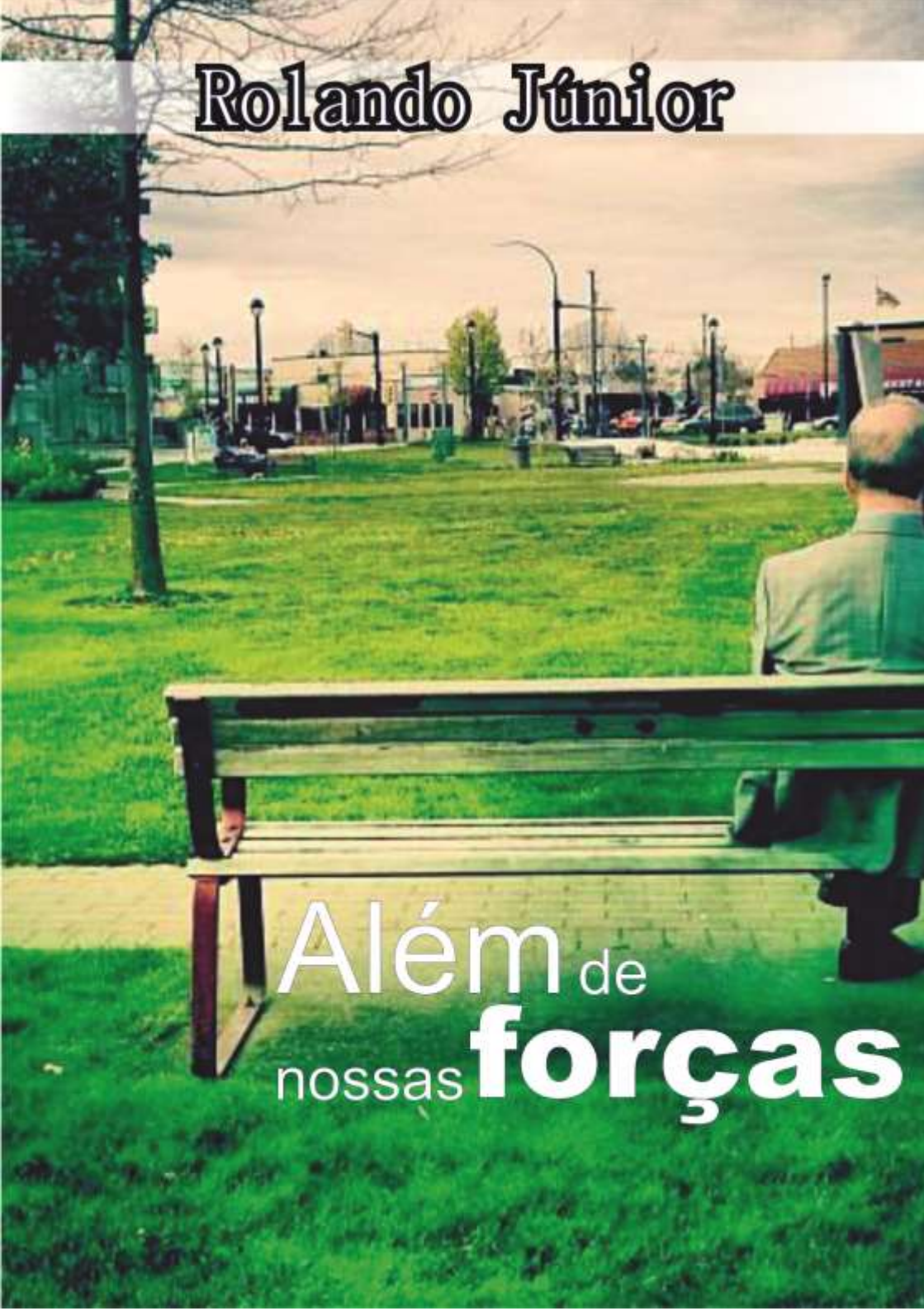
Rolando Júnior



Além de nossas forças

ALÉM DE NOSSAS FORÇAS

ROLANDO JÚNIOR

Dedico esta obra àqueles que acreditam que a imaginação de Deus está além de nossos olhos. Aos meus pais, meus irmãos e a minha esposa que indiretamente serviram de inspiração para esta estória. Todos vocês estão em "*pequenos pedaços*" nesta obra.

Agradeço especialmente à minha amiga Karine Cristina, que tantas vezes me incentivou a ir "além de minhas forças" para terminar esta obra. Obrigado de verdade!!!

ÍNDICE

VIDA.....5
SONO.....13
PAPO.....45
MEDO.....67
CASA.....77
AMOR.....106
ALMA.....142
PIOR.....185
CACO.....231
CURA.....272
ALÉM.....289
DEUS.....313
ALTA.....354
TODO.....365
ELES.....369

VIDA

A vida é muito engraçada. Às vezes situações tristes nos tornam felizes e vice versa. Neste exato momento eu não sei se começo a rir ou a chorar. Eu não sou uma pessoa tão temperamental assim e muito menos louca. Claro que nem sempre foi assim, na nossa vida nos deparamos com situações e pessoas que podem nos deixar realmente insanas.

Eu sei disso, pois a minha vida inteira lidei com pessoas assim. Dizem que todo psicólogo faz psicologia para tentar entender algum problema que possui ou algum trauma que passou e isso até certo ponto não deixa de ser verdade. Eu me dediquei muito desde o momento que ingressei na faculdade para que sempre pudesse ajudar àqueles que não conseguem fazê-lo.

Lidar com pessoas que possuem distúrbios mentais, necessitam muito mais do que prática e anos de estudo, pois cada caso é um caso.

E foi o meu último caso que mudou a minha vida. Ainda estou um pouco que atônita com o acontecimento de ontem. Mas ainda estou aqui, para rezar pela alma desse grande amigo que neste momento, está sendo enterrado.

Somente eu, meu marido e meu filho de apenas dois meses, participamos da despedida. É muito triste não ter em quem confiar ou em quem se apoiar quando mais se precisa disso. A vida é tão ingrata quanto bela e nunca difere raça, credo ou ações.

É por isso que estou sem saber se começo a rir de felicidade por tê-lo conhecido ou se choro por sua companhia não mais ser presente no meu dia a dia. Vou me lembrar com carinho de nossas conversas e passar para frente tudo o que ele me ensinou.

Adeus meu amigo, obrigada por tudo, de verdade. No carro, enquanto meu marido conduzia e meu filho estava em segurança na cadeirinha no banco traseiro, não consegui conter as lágrimas. Havia um vazio tão grande e uma sensação de

impotência tão avassaladora que tive que me controlar para não assustar meus amores.

- Você tá legal? – Perguntou Daniel sempre amoroso.

- Estou sim.

Olhei pra ele dando um pequeno sorriso, tentando disfarçar minha mentira. Eu estava péssima, mas como não estou nem um pouco a fim de dizer nada, virei o rosto e fiquei vendo a cidade para tentar espairecer um pouco.

Quando perdemos alguma coisa que nos faz bem, como a companhia de alguém, nos sentimos, logicamente, péssimos. Foi mais ou menos assim que me senti quando perdi meu pai.

Eu tinha dezesseis anos quando isso aconteceu e foi justamente quando festejava a minha entrada na faculdade de psicologia. Um vizinho bateu em casa enquanto eu estava completando quase duas horas no telefone. Conversava como poderia ser a nova vida na faculdade com uma amiga minha de escola. Minha mãe havia atendido a porta e logo depois, escutei ela chorando.

Desliguei o telefone e fui correndo saber o que se passava e a encontrei em prantos, ajoelhada no chão, totalmente sem forças com o vizinho tentando acudi-la. Naquela hora, sem mesmo ninguém falar nada, soube o que aconteceu.

Não precisava ser muito inteligente para presumir que meu pai havia morrido. Seu trabalho era perigoso e mesmo pedindo para ele trocar de emprego, ele não atendia. Dizia que mesmo quando ele se fosse, que poderíamos olhar para os prédios mais altos da cidade e lembrar, que um pouco do seu trabalho e do seu amor pela profissão, estava a nossa volta.

Ele dizia que se sentia vivo construindo nas alturas e que isso o realizava constantemente. Pena que isso o tirou de nós muito cedo, o alicerce de nossa família, que veio abaixo logo em seguida. Depois da morte dele, fui para a faculdade em outra cidade e fiquei morando em uma república.

Tentava de toda forma focar em meus estudos e de vez em quando mamãe ligava pra mim, porque se dependesse de mim, nunca o faria. Não porque

não gostava dela, mas é que não éramos muito ligadas. Isso acontecia mais com meu pai, me identificava com ele e com o que ele me passava de ensinamentos no dia a dia.

Era ele quem me ensinava tarefas de casa, ia às reuniões da escola, me dava conselhos sobre drogas, sexualidade e a vida. Ele tinha o coração muito simples, não buscava riqueza e nem poder, buscava mais momentos com a família. Minha mãe o amava loucamente e dizia que não havia homem tão bom quanto meu pai. Viviam agarrados e costumavam dizer que um não viveria sem o outro.

Dito e feito, minha mãe bateu de carro dois meses depois. Foi levada ao hospital às pressas, mas acabou não resistindo. Disseram-me que o motorista que bateu nela estava bêbado e eu sabia que era o contrário.

Ela começou a beber muito depois de nossa perda e sempre que me ligava, estava praticamente de porre. Acredito que na nossa vida, sempre podemos escolher o caminho a seguir e não desviei em nenhum momento do meu.

Largar minha faculdade, meu futuro, para cuidar de uma alcoólatra e me tornar infeliz, sacrificando a minha chance de vida por causa de alguém que não tem amor próprio? Pode me chamar de egoísta, mas se preciso ajudar alguém, este alguém sou eu primeiramente.

Se eu não me ajudo, quem o fará por mim? Depois da morte dela, recebi sua pensão, pois já tinha maioridade perante a lei. O resto foi consequência. Me formei como uma das melhores alunas e decidi seguir carreira e continuar os estudos. Defendi uma tese sobre loucura que me rendeu um bom status entre meus colegas de profissão.

Fui a primeira mulher a catalogar, estudar e buscar a melhor forma de cura de qualquer insanidade mental. Acabei sendo contratada pela própria faculdade para aprimorar meus estudos e usar na prática tudo o que conhecia sobre essa enfermidade. Pode parecer estranho, mas no décimo ano da morte do meu pai, sonhei com ele e minha mãe. Os dois estavam felizes e orgulhosos de mim e quando acordei de madrugada, estava chorando.

Percebi ali que havia muita dor dentro de mim e que de certa forma a bloqueei. Tornei-me uma máquina e guardei às sete chaves minha dor pela perda. A pior parte de você ser um psicólogo é tentar se autoanalisar.

Apesar de ser quase impossível de fazê-lo, tenho que lembrar que ainda sou um ser humano. Que preciso sentir cada emoção sem me analisar, sem sentir culpa de ser quem eu sou. Para ser sincera, ainda tento superar a falta que meu pai me faz e penso que com isso, todos nós temos que conviver, mais cedo ou mais tarde.

E superei, conheci Daniel, um enfermeiro maravilhoso por quem me apaixonei. Ele de certa forma lembra meu pai na maioria de suas condutas e tem sido agradável e amável como meu pai foi comigo e minha mãe. A dor se tornou mais amena e hoje me sinto bem realizada, mas não inteiramente, não até descobri como curar por definitivo a loucura, seja ela qual for.

Para se entender este assunto, deve-se mergulhar de cabeça nele, pensar como eles, analisar

cada olhar e tentar entender a lógica do pensamento de cada qual. Mas nunca se esquecer de que, quando necessário, poderei sair desta dimensão paralela à minha vida. Em casa, tento me desligar de tudo o que vivo no profissional e tem sido bem fácil com Daniel ao meu lado. Estava tão certa de que ele era o homem da minha vida que o pedi em casamento aos oito meses de namoro.

Ele chorou de emoção e eu também, até que ele começou a rir e tirou outra aliança do bolso. Ele iria me pedir em casamento naquele mesmo dia, foi daí que tive certeza de que poderíamos ser felizes um com o outro. E acho que deve ser desse ponto da minha história, que devo começar a contar.

SONO

SEGUNDA-FEIRA. 08 DE DEZEMBRO DE 2014.

Era dezembro, dia oito, segunda-feira (2014) para ser mais exata, estava aquele frio confortável e minha cama estava espetacularmente quente e aconchegante. Principalmente porque Daniel estava nela e ele conseguia esquentar toda a cama por toda a noite.

O despertador às seis e quinze já nos acorda e a cada dia tenho mais raiva dele, justo no melhor do sono.

_Acorda amor!

Resmungo e me viro na cama. Ele me chama de preguiçosa e me abraça. Sempre me ameaçava com cosquinhas se não me levantasse rápido e o safado sabia exatamente de todos os meus pontos fracos.

Mas de vez em quando fazia hora pra ele me pegar na cama e eu o segurava com todas as forças

para que não saísse dela. Até que acordávamos bem humorados, parecendo como duas crianças e isso era bom demais!

No hospital psiquiátrico, eu coordenava a equipe da ala de esquizofrênicos e tinha que conhecer a história de cada um dos pacientes. A cada dia recebia um relatório dos médicos de plantão sobre cada um dos meus cinco pacientes que faziam parte do programa de cura.

O primeiro é um senhor de sessenta e três anos que se chama Zildo Flanco. Em sua mente ele se chama Franz Znaider e vive como um agente secreto. Sua esquizofrenia é branda e às vezes ele volta a si. Mas na maioria do tempo fica em devaneios.

Não possui agressividade e é bem galanteador com mulheres além de muito cortês com os homens. O segundo paciente se chama Catharina Marçal, é uma mulher de estatura alta e que impõe certo medo para quem não a conhece.

Possui quarenta e um anos e sua fantasia é achar que está morta, apesar de falar, andar e comer,

não dirige a palavra a ninguém. Sua esquizofrenia também é branda e quase não dá trabalho algum.

O terceiro paciente se chama Clara Vittorino, ela acredita ser um capitão da 2ª Guerra que se chama Capitão Bronson e que está em poder de extraterrestres. Acha que todos na clínica são de outro planeta.

Ela possui vinte e sete anos e sua esquizofrenia é considerada alarmante, pois quando seus ataques pioram, ela tenta se defender verdadeiramente do inimigo. Sua voz e feição mudam completamente e sua força parece ser aumentada quando está nervosa, provavelmente, fruto da adrenalina liberada nestes momentos tensos.

O quarto paciente se chama Tânia Maria, sua fantasia é achar que conversa com pessoas mortas. Por incrível que pareça, é a única que consegue conversar com a paciente Catharina Marçal, que se acha morta. Sua esquizofrenia é branda e na maior parte do tempo, parece ser uma pessoa normal, salvo sua fantasia.

E por último, o mais problemático de todos eles que busco a cura se chama Bartolomeu França. Ele possui vinte e nove anos e se intitula como Lúcifer, príncipe das trevas. Sua esquizofrenia é crítica, pois ele nunca se reconhece como ele próprio, mesmo diante de um espelho. Ele é dissimulado, arrogante e mentiroso, mas possui cordialidade, apesar dela sempre vir acompanhada de um pouco de sarcasmo. Em alguns momentos se torna agressivo e não mede esforços em machucar alguém.

Suas personalidades são distintas, mas todos possuem chances iguais de cura. Existe um sexto paciente que ainda não chegou e nem sei quando vai chegar, não sei nada dele, vamos ver o que o destino me reserva. Não houve nenhuma novidade no turno da noite e como o tratamento de cura ainda está no início, nenhuma melhora foi constatada em nenhum dos pacientes.

Mas ainda temos muito tempo pela frente e cada um deles será tratado de forma diferente. Um pouco antes de sair para o trabalho recebi a visita do Dr. Nelson em minha sala.

Ele é um psiquiatra muito bem respeitado e tem me ajudado muito no meu projeto. Suas ideias são na maioria das vezes bem compatíveis com o que busco alcançar aqui.

_Bom dia doutora!

Sempre me chamava de doutora, assim como toda mulher aqui da clínica, acho que foi uma saída que ele encontrou para não guardar nome de ninguém.

_Bom dia Dr. Nelson. Alguma novidade?

_Na verdade temos sim. Uma tal de Sandra queria marcar com você uma entrevista, parece que é sobre sua pesquisa.

_Nelson, não sei se este é o momento de me expor em qualquer tipo de mídia. Acho que é bem cedo ainda.

_Mesmo sendo ela repórter da Freudian?

A Freudian é a maior referência em ciências mentais do país e uma matéria nesta revista seria uma chance de ouro para a minha carreira.

_A Freudian?

_Sim, mas é uma pena que você não queira o telefone dela sabendo das probabilidades de crescimento profissional e até patrocínio para a sua pesquisa.

_Tá legal Nelson, me dá esse telefone então. – Pedi a ele como quem não tivesse muito interesse, mas com toda sua astúcia, com certeza ele já sabia que eu estava me fazendo de difícil, afinal de contas, Nelson era muito dissimulado.

E sempre se deve esperar alguma coisa vinda com segundas intenções dele. Ele é um homem na casa dos cinquenta, bem vivido, bonito, inteligente, rico e muito mulherengo. Aposto que ele deve ter encantado essa coitada da repórter e enchido a cabeça dela sobre minhas ideias.

Para ele implantar um desejo em alguém que não conhece sua lábia, não custa, principalmente se isso tiver a ver comigo. Já fui cantada por ele infinitas vezes, mas sempre com aquele jeitinho de brincadeira com fundo de verdade e com galanteios bem leves e constantes. E isso em minha vida está totalmente fora da realidade, amo demais o Daniel e não trocaria ele por ninguém.

_Me mantenha informado caso a matéria saia na revista.

_Aviso sim Nelson. E obrigada.

_É sempre um prazer ajudar você doutora.

Disse me olhando com todo o seu poder de sedução e depois disfarçando com um sorriso de brincadeira, bem típico dele. Logo depois do expediente ligo para essa repórter, vou fazer minha visita diária com meus pacientes e dar seguimento com o tratamento.

Cada um deles fica em seu próprio quarto até a hora da terapia em grupo que é no meio da tarde. Para começar, geralmente, vou à Catharina por ser a mais tranquila dos pacientes, já que ela se acha morta.

_Bom dia Catharina.

Ela sempre falava mais baixo como se estivesse morrendo e seu semblante geralmente era de tristeza.

_Bom dia doutora.

_Como foi a noite, dormiu bem?

_Foi escura e fria.

_Como eram as suas noites antes de sua morte, Catharina?

_Eu sonhava.

_Você parou de sonhar então?

_Sim.

_E por quê?

_Porque eu morri.

_De que você morreu? Me conte um pouco sobre seus últimos momentos antes da morte.

_Eu morri dormindo, e não conseguia me mexer, nem abrir a boca ou os olhos. Sabia que meus pais e irmãos estavam ali me sacudindo e me chamando, chorando por mim, mas não conseguia me mexer. Fui levada para o necrotério e mexeram no meu corpo para depois me levarem ao caixão.

Fui enterrada e deixada no cemitério, mas minha alma não queria ainda sair do corpo morto e como estava ficando muito quente lá embaixo da terra, pensei que poderia estar indo ao inferno.

_E o que você fez então Catharina, já que estava morta e não podia se mexer?

_Eu voltei a ter controle do corpo morto e o usei para sair do buraco e voltar para casa.

_E o que aconteceu quando você chegou em casa?

_Eles se desesperaram ao me verem sem vida na frente deles. Me disseram para voltar de onde vim que ali não era mais o meu lugar.

_E você saiu?

_Sim.

_E pra onde foi?

_Voltei para o meu túmulo e comecei a tirar a terra. Queria voltar para o caixão. Só que o coveiro chamou a polícia ao me ver fazendo isso.

_Você iria se enterrar novamente?

_Sim.

_Mas você não me parece morta.

_Mas eu morri sim. A minha família me disse que eu estava morta. Que eu não podia ficar vagando como uma alma penada no mundo dos vivos porque Deus havia me chamado.

_Será que Deus não mudou de ideia e te tornou viva novamente?

_Não.

_Como sabe?

_Você sabe quando está morto. Você verá quando sua hora chegar.

_Tudo bem Catharina. Vim aqui mesmo só para ver como está. Vamos fazer mais alguns testes em você para entender o que está acontecendo.

_Doutora, eu não quero ir para o inferno.

_Fique tranquila, você não irá.

_Como pode saber? O diabo sempre está à espreita.

_Assim como os anjos Catharina, reze para eles.

Deixei-a com os seus devaneios e seu trauma reprimido. Catharina sofreu um grande trauma que a deixou quase que catatônica.

Ela sofre de catalepsia e em uma de suas crises foi constatada como morta e enterrada. Ela acordou e entrou em desespero, assim como qualquer um se sentiria se repentinamente, acordasse em um lugar apertado, sem luz e com pouco oxigênio.

Ela lutou muito, mas conseguiu sair de sua cova. Madrugada adentro ela caminhou como um zumbi, sem entender direito ainda porque havia sido enterrada viva e ao chegar em sua casa, sua família,

que era muito religiosa, achou que o diabo havia apossado de seu corpo e sua alma e não a deixaram entrar, ameaçando devolvê-la a força para de onde quer que tenha vindo.

Ela ainda confusa, voltou para o cemitério e tentou voltar para o caixão. Sua sorte, se é que podemos chamar assim, foi que um coveiro a viu tentando tal façanha e chamou a polícia. Lá ela já não falava mais, até que ficava mole a ponto de parecer uma morta, mas sempre de olhos abertos e estáticos, como se estivesse vendo um último momento de sua vida. Isso foi quando ela tinha catorze anos, hoje ela está com quarenta e um.

Como as pessoas podem colocar um deus na frente de suas vidas e causar traumas tão profundos que nem mesmo em uma vida é possível se recuperar. O choque desta garota foi tamanho que a deixou debilitada mentalmente até hoje.

É por isso que esta garota em particular, assim como os demais desta ala, estão aqui, para experimentar mais uma vez o que é viver. O que os

causou tanto mal a ponto de fugirem da realidade e viverem em uma fantasia criada por eles próprios.

Com o meu novo tratamento vou poder prepará-los para acordar deste pesadelo. Minha próxima visita será a Zildo Flanco, ele possui uma fantasia de agente secreto e só atende pelo pseudônimo de Franz Znaider. Ele é bem divertido e comunicativo o que denota que sua fuga se refere a sentimentos contrários, como sofrimento, principalmente envolvendo pessoa próxima como esposa ou filha.

E sua comunicação excessiva se dá pelo fato de buscar acreditar em si mesmo em uma coisa que aos olhos não condiz com a realidade à sua volta.

_ Bom dia Sr. Znaider, como passou a noite?

_Foi proveitosa. Mas o atendimento deste hotel está deixando a desejar e muito. Ninguém possui sequer um champanhe, mesmo que seja para degustação.

_Sabe que se tomar alguma bebida alcoólica pode trazer problemas.

_Eu sei, não seria a primeira vez que tentariam me envenenar com a bebida que mais gosto. E sua noite doutora, foi proveitosa também?

_Trabalhei bastante.

_Sabe que não é indicado levar serviço para casa doutora?

_É que eu gosto do que faço. Sinto prazer em trabalhar em meus projetos.

_Existem outras formas de prazer doutora. Eu posso lhe mostrar inúmeras, coisas que poderiam relaxá-la como nunca o fizera antes.

_Imagino que sim. Mas o que mais me fascina em você é sobre o seu passado, o seu secreto e obscuro passado.

_Mas o meu passado não tem nada de mais. Estudei como qualquer um e me formei, sendo o melhor dos alunos, fui chamado para uma equipe em particular.

_E sua vida acadêmica, deve ter sido muito badalada, com muitas garotas, festas e bebidas.

_Foi uma época muito boa, pena que passou rápido demais.

_Mas não teve nenhum grande amor em sua vida, que valesse a pena ter guardado em algum lugar da sua mente? Alguma pessoa que por alguma razão tenha saído de sua vida repentinamente e lhe causado algum desgosto? Algo tão abrupto que o fez fugir para esta outra vida?

_Não.

Seco assim, um “não” sem alteração facial alguma, indício certo de que pelo menos alguma ferida nesta história foi tocada. E é neste jogo de interpretações que sem ser convidada, entro na mente de quem quer que seja.

_Tudo bem senhor Znaider. Sei que você é um homem de segredos e que estes são bem dolorosos. Você não precisa escondê-los mais, não pra mim.

_Preciso sim doutora....

Mais uma vez ele retorna a si.

_...preciso manter a minha dor e a minha vergonha comigo sempre, para que nunca mais volte a fazer a merda que fiz. Preciso carregar comigo cada grito, cada xingamento, cada choro que causei. Nunca

deveríamos nos esquecer de nada de ruim que fizemos para os outros.

_Mas assim você não conseguiria recomeçar. Ter uma nova chance de vida.

_Quem faz o que fiz, não merece segunda chance.

_E o que você fez de tão ruim assim senhor Flanco? O que o atormenta enquanto tenta dormir ou ser você mesmo?

Uma lágrima quase se formou enquanto ficou mudo por um período de tempo considerável. Mas a sua mente ia e voltava muito rápido e novamente o senhor Flanco, se torna o senhor Znaider.

_Eu não conseguir abrir sequer uma brecha, por menor que seja, em seu lindo coração. Pois de você, só coisas boas me vem à mente.

Sorri um pouco pra ele, me rendendo às artimanhas de sua imaginação, desta vez ele venceu a batalha, mas a guerra ainda continua.

_Tenha um bom dia senhor Znaider.

_Pra você também.

De acordo com sua conduta, quando está lúcido, me parece que de certa forma, ele teve culpa

na morte ou mortes de pessoas próximas ou até mesmo íntimas.

Na parte da manhã, sempre busco conversar um pouco com cada um deles, desde que chegaram aqui transferidos de outros locais há uma semana. Com esta conversa matutina, sei se estão mais agitados ou calmos e busco com isso, fazer minhas anotações.

Fico preocupada com cada um deles e os considero como irmãos que precisam de ajuda. Isso me mantém no foco da pesquisa com uma carga a mais de incentivo. Agora estou seguindo para o quarto de uma paciente muito tranquila, mas muito fiel em suas crenças.

Seu nome é Tânia Maria e foi colocada aqui por seus pais por afirmar que conversava com pessoas mortas. Visitava velórios e dizia para os desafortunados supostas mensagens de seus parentes ali jaz sem vida.

Imagine o caos na casa dela, com pessoas de todo o tipo, o tempo todo, pedindo contato com

pessoas já falecidas, principalmente por não cobrar nada em troca.

Apesar de parecer um caso simples, eu o considero bem profundo, pois a loucura dela em acreditar nos espíritos não a torna visivelmente insana, muito pelo contrário, ela passa tanta convicção daquilo que acredita que pode convencer facilmente algum desavisado. Tânia tem somente dezessete anos.

_Bom dia Tânia, tudo bem?

_Tudo.

_Como passamos a noite, dormiu bem?

_Mais ou menos. – Fazendo cara de que alguma coisa não ia bem. –

_Como assim mais ou menos?

_É que recebi algumas visitas aqui ontem.

_Mas depois das nove da noite? – Tentei ser neutra, mas já sabia do que se tratava. –

_Foi por volta de uma e meia da manhã.

_Quem que veio aqui nesta hora?

_Espíritos.

_Espíritos de quem Tânia?

_Vieram vários ontem. Queriam que eu voltasse a ajudá-los.

_Com o quê?

_Com recados.

_Recados? Que tipos de recados?

_Recados de coisas que não conseguiram terminar antes de partir ou simplesmente um adeus.

_Tem algum recado pra mim?

_Não.

_Para a sua família?

_Não, os recados são geralmente, para pessoas que não conheço. Não que eu possa escolher quem é que vem pedir minha ajuda, mas geralmente eles me dizem aonde ir.

_E o que você pede em troca para eles?

_Nada, só o fato de irem para a luz já me deixa satisfeita.

_E o que eles vão fazer nesta luz?

_Acho que eles encontram a paz, mas todos que foram para ela, jamais voltaram.

_Porque você foi escolhida para vê-los e eu não?

_Todos têm este dom. Só que um ou outro aprende a usá-lo e o entende.

_E qual foi sua primeira experiência com este tipo de dom?

_Não me lembro, minha avó dizia que quando tinha uns dois anos de idade o meu avô veio a falecer, e em seu velório, eu não parava de encará-lo.

_Talvez pelo fato de você não vê-lo se mexer e ele estar todo ornamentado. Crianças não assimilam a morte como nós.

_Não, minha vó disse para mim, que eu encarava o meu avô, que estava sentado do lado dela.

_Sua avó também os via?

_Sim.

_Você acredita que esse seu dom foi passado dela para você?

_Geralmente é assim mesmo.

_Tudo bem então Tânia, mais tarde nos encontraremos, qualquer coisa me mantenha informada.

_Tudo bem doutora.

O caso que Tânia me disse hoje pode ter sido o começo do desencadeamento das alucinações. De certa forma o “dom” de sua avó, passou para ela nesta forma de enfermidade.

Mas o caso de Tânia não é tão difícil de ser sanado, geralmente a falta de provas e a aceitação de certas perdas vinda com um grande período de tristeza pode findar esse tipo de transtorno.

O próximo é que é um pouco pesado, se trata de uma linda jovem de 27 anos, seu rosto possui somente traços delicados. Ela se chama Clara Vittorino e sofre de uma fantasia de nível agravado.

Sua feição, sua voz e seu jeito de andar são totalmente masculinos, ela acredita ser um capitão da 2ª grande guerra, e se intitula Cap. Bronson de 56 anos. Como se não bastasse, ela acredita estar prisioneira de extraterrestres.

Muitas vezes tivemos que sedá-la, pois se tornou perigosa demais tentando fugir, mas isso parou quando colocamos uma fita rosa em seu pescoço e dissemos a ela que se tentasse fugir ou

retirar o laço, sua cabeça explodiria, pois se tratava de uma arma para prisioneiros.

Sei que parece absurdo alimentar a loucura alheia, mas no momento, está calhando perfeitamente e ela age com mais ponderação, possibilitando um tratamento mais efetivo.

_Bom dia Capitão!

Ela se levanta como um presidiário que recebe a visita do diretor em sua cela. Seu medo e ódio se mesclam em seus olhos, mas sempre se mantendo firme, como se a minha imagem para ela, fosse anômala.

_Até quando vão me manter aqui? – Disse com uma voz mais grossa que a do Dr. Nelson. –

_Só quando nossa pesquisa de campo estiver concluída.

_E o resto dos meus homens?

_Estão em outros interrogatórios, em outros lugares.

_O que quer saber então criatura vil?

_Queremos entender vocês, como pensam, como vivem e o que os afligem.

_Se disser isso, estarei condenando toda a raça humana.

_Estará salvando-a, pois assim não precisaremos lhes colocar em situações que nos permitam ver com os nossos próprios olhos, suas fraquezas e medos.

_Tudo bem monstro, pergunte.

_Em que local e ano estamos no conceito terrestre?

_Estamos no Vietnam e o ano é de 1944 depois de Cristo.

_Como se tornou Capitão?

_Por honrarias da grande primeira guerra. Salvei a vida de mais ou menos cinquenta soldados que estavam cercados pelo inimigo.

_E sua família?

_Minha família morreu na guerra, assim como muitas outras.

_O que se lembra da sua infância?

_Foi muito difícil, minha mãe criou doze filhos sem o meu pai que a largou por outra.

Não sei de quem foi a culpa, mas passamos por maus bocados pela separação. Passamos fome, discriminação e apanhávamos dos moleques que

conheciam a nossa história. Os próprios professores, vizinhos e policiais nos tratavam como marginais. Comecei a ser tratado com igualdade somente no exército e desde lá nunca mais quis sair.

_Parece que a vida foi bem dura com você.

_Sim, e ainda está sendo. Mas se não fosse por ela, estaria morto há uma hora dessas.

_Quem é Clara Vittorino?

Houve uma pequena diferença em sua fisionomia, algo que foi muito sutil, como se aquele nome lhe fosse familiar, como se a incomodasse e logo em seguida ela engolisse seco e ignorasse a pergunta. Perguntei mais uma vez e recebi um “não sei” bem apático.

_Sei que você me esconde um segredo capitão e é questão de tempo para que eu o busque em sua mente. E eu saberei se estiver mentindo ou omitindo qualquer detalhe desta história.

Mais uma vez o silêncio se fez presente entre nós e eu a deixei preocupada, para que amanhã não tocasse mais no assunto do seu verdadeiro nome,

deixando-a confusa quanto as minhas reais intenções.

Em sua mente, Clara havia se matado, enterrado o próprio corpo e criado outro. Mesmo que a colocasse de frente a um espelho, sua mente a faria ver como se imagina. E caso conseguisse fazê-la se enxergar, era como se visse um fantasma.

No caso dela, eu teria que convencer o intelecto do capitão de que eu não sou um extraterrestre e de que ele não é o capitão e sim a doce e linda Clara.

Saio e vou em direção a cozinha da clínica, preciso de um café para espairecer um pouco as ideias, mas para a minha infelicidade encontro com o Dr. Nelson no corredor.

Ele estava falando ao celular e provavelmente com alguma mulher, porque a sua voz estava mais melosa do que de costume. Tentei passar de cabeça baixa para não atrair sua atenção, mas tudo foi em vão, ele me chamou com um gesto enquanto despedia da outra pessoa.

_Doutora, é a Sandra da Freudian. Pode falar com ela agora?

Como dizer não, mesmo sabendo que tudo poderia ser uma armadilha.

_Alô!

_Oi, aqui quem fala é Sandra da revista Freudian, o doutor Nelson me deu algumas informações sobre uma pesquisa que você está fazendo e que promete bons resultados.

_O doutor Nelson é um doce de pessoa, na verdade a pesquisa ainda está bem no início e...

_Não tem problema doutora, de acordo com o que me foi dito, posso fazer sua pesquisa ser conhecida em todo o mundo desde o começo, podíamos até fazer uma série de reportagens sobre o tema e trazer muitas oportunidades para você.

_Tudo bem Sandra, pode ser no dia dez deste mês?

_Não, dia dez estarei ocupada, podemos marcar para o dia doze, o que acha?

_Doze, na sexta-feira?

_Assim fechamos a semana com chave de ouro. Se puder logo na parte da manhã já começamos.